

## ESCRITORES DA LIBERDADE: UM FILME, MUITAS ABORDAGENS

### FREEDOM WRITERS: ONE FILM, MANY APPROACHES

**Aécio Carboni<sup>1</sup>**

**Katiana Possamai Costa<sup>2</sup>**

**Antonio Serafim Pereira<sup>3</sup>**

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho toma como referências básicas os textos: “O estudo da autonomia da escola: da autonomia decretada à autonomia construída” de Barroso (1996) e “Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva” de Veiga (1998) para compor, entre outras contribuições, a análise da obra cinematográfica *Escritores da Liberdade* (2007).

O drama norte-americano narrado no filme é baseado em fatos reais, construído a partir do livro *O Diário dos Escritores da Liberdade*. O enredo é marcado pela forte presença de uma professora recém-formada, ainda sem experiência em sala de aula, que passa a assumir uma turma de alunos provenientes do programa de integração racial, rotulados como problemáticos, fora do esperado pela instituição escolar, desviados da normalidade hegemônica (SKLIAR, 2015).

Tal filme, ainda de fácil acesso para assisti-lo, é pauta de muitas publicações, a saber, citamos: “Dialogismo e Exotopia em *Escritores da Liberdade*” (FRITZEN, 2014), que versa

---

<sup>1</sup> Enfermeiro. Mestrando do PPGE/UNESC.

<sup>2</sup> Graduada em Letras. Doutoranda do PPGE/UNESC.

<sup>3</sup> Doutor em Educação, USC (Espanha) e Pós-doutor em Ciências Humanas e Sociais, UBA (Argentina). Líder do FORGESB, Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação e Gestão na Educação Básica.

sobre o espaço escolar como intercâmbio de conhecimento; “Revisitando o educar: uma reflexão a partir do filme ‘Escritores da Liberdade’” (OLIVEIRA, 2007), que analisa o ato de educar e seus sentidos. Diversas são as possibilidades de estudo que essa narrativa propõe, como: processo de escrita de si; interação professor e aluno; a importância da memória como registro para a história; construção de identidade; aceitação do outro.

Nessa gama de temas, como anunciado no primeiro parágrafo, centramos nossa exploração acerca da gestão educacional de modo a triangular o longa-metragem, principalmente, com os textos de Barroso (1996) e Veiga (1998).

## **TRIANGULAÇÃO TEÓRICA: ANÁLISE ENTRE FILME E ARTIGOS**

O filme trata-se de um drama que possui como protagonista uma professora recém-formada, conhecida como Erin Gruewel. A trama acontece no subúrbio norte-americano, em Los Angeles, em uma escola onde começa a lecionar a disciplina de Inglês para a turma 203 do ensino médio.

Quando inicia seus trabalhos e tem o primeiro contato com a turma, a professora observa que terá um grande desafio, pois percebe que os alunos possuem seus caminhos marcados pela violência, pela descrença, pela desobediência, pela desmotivação e pelos conflitos sociais. Esses jovens vinham de famílias desestruturadas, vítimas do descaso, da “discriminação, segregação, precarização, vulnerabilidade, etc.” (GARCIA MOLINA, 2013, p. 47).

Durante o desenrolar da história é enfatizado a divisão existente entre os alunos, não só em sala de aula, como fora dela, negros interagem somente com negros, latinos com latinos, brancos só com brancos. Na primeira aula, a jovem professora chega à sala de aula entusiasmada, mas se depara com a turma que, devido a esse perfil, mostrava-se difícil, o que seria um dos obstáculos para lecionar.

Nos primeiros contatos, os alunos maldispostos, ignoravam a presença da professora e a desrespeitavam, além de se agredirem uns aos outros e menosprezavam o material escolar. Diante de tal realidade, Erin, que havia chegado entusiasmada com sua metodologia, percebe

que precisa rever e reprogramar suas aulas, visto que os alunos estavam ficando cada vez mais desinteressados nos estudos. Então, começa a buscar outros meios para prender a atenção desses estudantes.

Nesse sentido, a jovem professora procura a direção da escola para apresentar suas ideias inovadoras, porém não encontra apoio para seguir adiante e acaba sentindo-se impotente. Porém, sua luta continua para integrar os alunos no contexto de sala de aula.

O filme relata a realidade da década de 1990, nos Estados Unidos, tempo em que os alunos, da turma 203, estavam sendo absorvidos na escola devido às reformas que aconteciam naquele período; em que mudanças na legislação, por meio do chamado Programa de Integração, alunos considerados “problemáticos” deveriam cursar a escola regular.

Considerando que o filme, apesar do caráter de ficção, é baseado em fatos reais, permite que articulemos a um dos estudos que, aqui, mobilizamos. O texto de Barroso (1996) discute as mudanças educacionais ocorridas na década de 1990 e abrange os países anglo-saxônicos, nos quais os Estados Unidos se inserem. O estudo refere-se ao movimento chamado *shoolbased management*, a partir de uma investigação produzida sobre “efeitos das escolas” e “escolas eficazes” sob a perspectiva da autonomia decretada e autonomia construída.

Relacionando o estudo de Barroso (1996) com o filme em apreço, pode-se destacar que o texto traz a discussão sobre uma política gestonária norteada pela qualidade, eficácia e eficiência, trazendo como marco a suposta qualidade que deve atingir toda população que está em idade escolar sem distinção. O filme retrata uma legislação de integração de alunos que recebem o “rótulo” de problemáticos. Na visão de alguns professores, diga-se, dos mais experientes, essa nova situação seria uma perda de qualidade do ensino e reputação para a escola.

Outro ponto que se observa é a descrição sobre a ação/influência que o professor teria sobre o aluno problema, pela crença de que o discente não é capaz de mudar sua postura e queira aprender. Esse pensamento da grande maioria dos outros professores da escola é oriundo de suas próprias idealizações, que não instigam a vontade de mudar sua metodologia e nem

acreditar que a mudança na postura em sala de aula poderia trazer benefícios positivos para os alunos.

A professora Erin apostou na mudança em sua metodologia mesmo encontrando dificuldade perante a direção, que não apoiava suas ideias e as dificuldades impostas pelos professores e alunos. Motivada com a profissão, começou a encontrar motivos para cativar os alunos e tornar suas aulas mais dinâmicas, utilizando técnicas de aproximação como música, diálogo e jogos, com a intenção de promover a alteração da dinâmica vertical entre professor e aluno.

Por este caminho analítico, reafirmamos a ideia de que, muitas vezes, o professor com suas mudanças metodológicas constrói sua autonomia, mesmo sem ela estar decretada em forma de leis e normas institucionais. Foi o que a professora Erin fez, enquanto os outros professores se mantinham em uma educação bancária, utilizando os alunos como depósito de conhecimento. Isto porque ela escolheu o caminho de construir o conhecimento de forma significativa junto com o aluno. Logo, o professor tem como uma das suas funções ser o mediador e o aluno o agente do seu próprio conhecimento, assim como diz Freire (1996, p. 25):

Ensinar não é transferir conhecimento, nem formar e ação pela qual um sujeito criador da forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem deiscência as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam não se reduzem a condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

No filme, quando a professora protagonista busca apoio da equipe gestora/pedagógica, observando que não há diálogo e consideração ao seu trabalho, podemos pensar no descaso da autonomia construída que, para Barroso (1996), se refere ao equilíbrio de forças que deve existir em uma escola, tanto por influência interna dos professores, diretores e pais, quanto externa a partir dos governos e representantes do Estado. No contexto do filme, no entanto, verifica-se que não há esse diálogo com os representantes internos, o que faz a professora – não amparada e apoiada – buscar os representantes superiores externos para construir sua autonomia dentro da sala de aula, no sentido de equilibrar as forças interatuantes no processo educativo.

Outra cena que chama atenção é quando Gruwell toma café com a diretora e relata suas angústias e inquietações e um colega professor, que está há mais tempo na escola, a tranquiliza mencionando que os alunos bons ficam e os ruins vão embora. O texto de Barroso (1996) descreve que as reformas ocorridas a partir de 1990, mesma época do filme, tinha como um dos seus objetivos criar estratégias para que os alunos permanecessem na escola, pelo reforço do sentimento de pertença, de valorização e inclusão.

Nesse sentido, é importante que a gestão escolar, centrada na democracia participativa (professores, alunos, pais, funcionários e outros), tenha como objetivo o ensino e a aprendizagem dos alunos, sem julgamentos precipitados e apressados pelo que trazem de bagagem social e cultural. Procure, portanto, enfatizar práticas pedagógicas e metodológicas que transformem a vida dos alunos, tendo por base a crítica e a diversidade. O que a professora fez de diferente além da sua metodologia foi tratá-los como indivíduos únicos, mostrando interesse sobre a história de cada um deles.

Esse interesse é ainda mais valorizado quando a professora propõe a escrita de um diário, onde cada aluno relatou um pouco de sua história de vida. Foi um momento em que eles tiveram a liberdade de expressar seus sentimentos. Assim como fazê-los conhecer que outras pessoas que ganharam notoriedade também deixaram seus feitos ou experiências registradas. Para isso, a leitura é o caminho. Porém, a coordenadora da escola não autorizava a professora utilizar os livros disponíveis na biblioteca. Nessa cena, a diretora diz que os novos alunos não poderiam utilizá-los, porque os estragariam com rabiscos ou que eram textos complexos demais. Nesse ponto, cabe refletir sobre o currículo das escolas e, por consequência, a pergunta: qual aluno se quer formar?

Ao não autorizar a retirada dos livros pelos alunos, a diretora mostrou o seu poder centralizador, interferindo na metodologia defendida pela professora, tolhendo sua autonomia na produção e autoria da sua prática docente. Afinal, um projeto político pedagógico, conforme Veiga (1998), deve decorrer de um processo democrático que reflete intenções, necessidades, a identidade sociocultural e pedagógica da escola. Assim, se a instituição do filme pertencia a um programa de integração, precisaria, de fato, mostrar, em documento e na prática, ações de

integração/emancipação e não de exclusão. Em vista disso, Veiga (1996) coloca a organização do trabalho pedagógico em dois pilares: a organização da escola como um todo e com organização da sala de aula, incluindo sua relação com o contexto social imediato, procurando resguardar a visão de totalidade.

## CONCLUSÃO

O filme *Escritores da Liberdade* apresenta inúmeras dificuldades que uma jovem professora enfrenta ao adentrar numa escola que já foi de referência e passa a receber alunos rotulados de problemáticos. Entretanto, não eram somente os alunos, os enfrentamentos por ela vividos estavam nas figuras dos colegas professores, diretores e familiares, que desacreditam que os jovens por meio do acesso à escola e a uma educação significativa podem traçar novas rotas emancipatórias em suas vidas.

Para isso, é essencial uma escola que possa, de fato, conquistar e construir sua autonomia para dialogar criticamente, agindo, com sua própria realidade, definindo o papel de cada sujeito participante do processo a ser desenvolvido. O que é possível ser viabilizado a partir de um projeto político pedagógico elaborado coletivamente pela via da gestão democrática participativa, fortalecida no desejo utópico, possível e real.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, João. O estudo da autonomia da escola: da autonomia decretada à autonomia construída. In: João Barroso (Org.) **O estudo da escola**. Porto: Porto Editora, 1996, p. 167 - 189.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRITZEN, Celdon. Dialogismo e exotopia em Escritores da Liberdade. In: PEREIRA, Antonio Serafim. **A educação em cartaz**: histórias de cinema. Canoas, RS: Ed. Ulbra, 2014, p. 87-94.

GARCÍA MOLINA, José. Orígenes y usos de una categoría hegemónica. In GARCÍA MOLINA (Coord.) *et al.* **Exclusiones**: discursos, políticas, profesiones. Barcelona: Editorial UOC, 2013, p. 33-50.

OLIVEIRA, Emanuela Patrícia de. Revisitando o educar: uma reflexão a partir do filme “Escritores da Liberdade”, **Anuário da Produção Acadêmica Docente**, v. 1, n. 1, 2007.

SKLIAR, Carlos. Normalidad-Patología. In: CARRERAS, Juan Sáez; ALBERT, Manuel Esteban (Coords. **Dialéctica de los conceptos em educación**. Espanha: Editorial UOC, Nau Llibres, 2015.

VEIGA, Ilma Passos da. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos da (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. Campinas, SP: Papyrus, 1998, p.11-35.